

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Feliz Remanso

código
AII-F15-BP

localização
Rodovia BR-393 (trecho entre Barra do Pirai e Volta Redonda)

município
Barra do Pirai

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária de leite / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Nossa Senhora do Amparo



Fazenda Feliz Remanso, fachada principal

coordenador / data **Sônia Rachid – jul 2009**
equipe **José Roberto Mendes, Marcos Vinícius Silva Gomes**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

Partindo do município de Barra do Pirai, percorre-se 21,5 km pela rodovia BR-393, no sentido de Volta Redonda, até a entrada da fazenda, que fica a poucos metros do asfalto. Próximo ao acesso da fazenda está localizado um posto da Polícia Rodoviária. Adiante, mais 5 km, a estrada transpõe a ponte sobre o Rio Paraíba do Sul, já na cidade de Volta Redonda.

A curta estrada de saibro, que adentra a propriedade até a casa sede, passa por várias construções rurais que são distribuídas esparsamente. Depois da porteira, as cercas delimitam os pastos, à direita, o antigo moinho de fubá (f01) que, sobre pilares, mantém estrutura em gaiola de madeira. Uma tubulação de ferro faz sua ligação ao aqueduto em pedra (f02) localizado no desnível do terreno, que distribuía as águas para o tanque de ceva à esquerda e para a pocilga.

Ultrapassando o vão da murada, com maciças colunas de pedra, onde o olhal de ferro demonstra que existia um portentoso portão (f03), vê-se a pocilga (f04), dividida por muretas de blocos de pedra com topo arredondado em massa, tendo, junto às portinholas, acabamento em pedra lavrada. Até recentemente, ainda existia a cobertura da pocilga.

O caminho segue, tendo, à direita, uma edificação com torre sineira (f05) que está sendo reformada para moradia do colono. Tudo indica que a antiga construção era um espaço utilizado para serviços gerais, onde se tocava o sino, nas horas precisas, para o chamamento dos escravos. O muro caiado em vermelhão (f06) guarda a entrada para um goiabal, com muitas outras árvores frutíferas, sendo que o pomar se encontra sem a manutenção necessária.



01



02



03



04



05



06

O prédio a seguir é do paiol (f07), ocupado atualmente por um depósito e chegou a ser o local da única escola da região. Os pilares de tijolos sobre soco de pedra, posicionadas em sequência, indicam a existência de uma grande construção, que abrigava depósitos, curral e galinheiro (f08).

O extenso descampado com forração de grama era o grande terreiro de secagem de café (f09). Apresenta calhas de pedra contornando todo o perímetro, fazendo o perfeito escoamento das águas, sendo a grande área delimitada por muretas de pedra. O moinho de café se destaca ao fundo, próximo a um morrote (f10). O belo chalet de dois pavimentos tem, ao lado, um pórtico com dois imponentes pilares de tijolos maciços (f11), mantendo ainda as ferragens, que provavelmente permitiam a articulação de um portão. Atrás, está localizado o aqueduto, com mais de dois metros de largura (f12) e a antiga roda d'água do moinho (f13), encoberta pelo mato. Pode-se observar entre a vegetação dois imponentes pilares em blocos de pedra (f14), indícios de que o acesso se fazia por essa passagem. Ao lado, um grande pomar de jabuticabeiras, com rica fauna avícola, sendo comum a presença de tucanos. O curral, de construção moderna, fica localizado na entrada da propriedade, num platô atrás do moinho de café.

A casa-sede fica no extremo oposto do moinho e, ultrapassando-se a porteira, chega-se a ela pelos fundos do casarão (f15). À direita, o pomar de frondosas mangueiras e jabuticabeiras, que segue paralelo ao varandão até chegar à fachada frontal. Observa-se, que a construção teve sua implantação estrategicamente projetada, visando facilitar o principal acesso, que era fluvial, pelo Rio Paraíba do Sul, com seu curso distando aproximadamente 300 m da casa. Recentemente, foi descoberto um caminho em leito de pedra, no percurso do atracadouro até a sede.

Na fachada principal, o gramado do jardim conduz a um caminho lateral (f16), onde o muro do pomar é interrompido por duas antigas colunas (f17), sendo que uma delas exhibe a data de 1878 (f18). Era certamente uma passagem de serviços, voltada para veículos de carga. Próximo, localiza-se outra casa de colono.



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16



17



18

As edificações distribuídas pela propriedade demonstram que a fazenda foi muito próspera, com a construção da casa-sede revelando um perfil de fazenda de trabalho. O sobrado localizado nos fundos da casa (f19) foi a primeira sede, posteriormente foi edificada contígua a este a casa assobradada sobre porão baixo. No segmento do sobrado, o casarão dava continuidade, restando apenas o soco de pedra do embasamento e a escada (f20), caracterizando o conjunto como um quadrilátero funcional aberto. Todo o complexo está situado numa baixada, a vegetação do entorno é característica de várzea da região.

A fachada principal da nova construção, em *chalet* (f21), tem uma escada em pedra com dois lances que leva à portada central, mantendo uma janela de cada lado. Destaque para ornato, datado de 1887, localizado no corpo do patamar da escada (f22). O frontão triangular demarcado por friso losangular foi decorado com desenhos geométricos e o embasamento recortado foi chapiscado, mantendo os ornamentos em massa. Nas extremidades desta fachada frontal foi mantida a simetria, com corpos terminados em leque, limitados por pilastras em massa que mantêm portões para acesso às laterais da casa. Nos cunhais, encimando-os, estátuas de louça (f23 e 24).



19



20



21



22



23



24

A fachada lateral direita mantém um correr de 16 janelas, intercaladas com meias pilastras, apresentando, no embasamento chapiscado, sulcos fingindo aplacagem regular em pedra (f25).

O jardim tem arrimo de um muro de pedra com mais de dois metros de altura, que segue a baixada para a margem do rio. O espaço ajardinado possui frondosas árvores de manga, sapoti, jabuticaba e a árvore da caneleira – especiaria de valor no século XIX – e ainda vários canteiros de forrações. Os caminhos estreitos entre a vegetação levam até a escada de acesso que vai para as áreas de serviço e para o sobrado (f26).

Próximo, uma cobertura em capa e bica, à moda de copiar, apoiada em largos pilares em tijolinho, protege um antigo tanque com duas cubas (f27), peculiar pelas duas figuras em massa que retratam o rosto de negros (f28), de cujas bocas a água é jorrada. Um ornamento central destaca o ano de 1898 (f29).

Uma grande varanda de construção mais recente protege a fachada lateral esquerda da casa, mantendo treze janelas e três portas, além de escada para o pomar (f30).



25



26



27



28



29



30

A porta da fachada principal abre-se para uma sala de estar (f31), comunicando-se com o único banheiro de toda a casa assobradada (f32), com uma biblioteca e com um salão (f33). Uma circulação paralela leva até a antessala da capela, sendo que esses espaços se comunicam através de duas portas com o varandão. Um cômodo foi adaptado para receber a capela, não sendo possível precisar a época. Apresenta porta de verga alteada com duas folhas almofadadas, destacando nas faces internas pinturas artísticas de símbolos religiosos (f34). A porta, quando fechada, mantém a sobriedade do verniz e resguarda o belo retábulo com volutas e colunas com douramentos, ornamentadas com delicadas pinturas florais. A janela, em especial, recebeu um vitral retratando uma cena cristã.



31



32



33



34

A circulação distribui o acesso para vários quartos, com a sala de jantar (f35) interrompendo o segmento. Um dos espaços é utilizado para guardar a louça da casa e o corredor tem duas claraboias (f36), o que vem auxiliar na deficiente iluminação interior da casa. O longo bloco com as áreas íntimas e sociais termina na sala de almoço (f37), com uma porta abrindo na extremidade da varanda.

A seguir, as dependências de serviços possibilitam unir esse corpo da casa com o antigo sobrado, cujas coberturas são independentes. A copa tem acesso para o grande gramado (f38) e, próximo, um depósito com banheiro em meia parede de madeira. A cozinha conta com fogão a lenha (f39) e uma outra cozinha, onde antigamente salgavam-se as carnes verdes, mantém, nas paredes descascadas, a herança do sal impregnado, onde nenhum revestimento adere. Complementa essa parte da casa a varanda dos fundos, com tanque e o tradicional forno de barro (f40).



35



36



37



38



39



40

Um *hall* interliga a copa com um espaço de transição, que possui uma escada voltada para o jardim lateral e outra escada de cimento, para o pavimento superior do casarão. Antes, entretanto, pode-se acessar a sala de banho, cujo banheiro divide a área com um tanque no subsolo e a caixa d'água, aparente, fica sobre trilhos de ferro (f41).

O porão tem toda sua área ocupada como depósito e apresenta uma lareira desativada, mantendo a chaminé na fachada lateral. Já as dependências no pavimento superior equivalem a vários quartos e duas salas (f42), interligando-se com o exterior por uma escada de pedra de um lance, coberta por um alpendre sustentado por mão francesa (ver f19). A sala íntima comunica-se com o mezanino de madeira da construção ao lado, com telhado mais baixo, paredes de tijolo aparente e portão de madeira. Atualmente, o espaço está sendo ocupado pela família do colono, tendo sido relatado que esse era o local da antiga cozinha.

O sobrado edificado sobre base de pedra (f43) tem as paredes estruturais em tijolo, não sendo possível a prospecção, com a avaliação baseada em áreas de estrutura exposta. As esquadrias são de verga reta, com guilhotina e caixilhos de vidro na cor branca, possuindo, exteriormente, duas folhas com venezianas. O porão tem ventilação através de pequenos vãos, gradeados na parte interna, com folhas em caixilho de vidro abrindo externamente. Os cunhais são de madeira com o beiral arrematado por lambrequim simplório (f44). O assoalhado de madeira, provavelmente, ainda é o original e o forro, na maioria dos cômodos, é de cedrinho, havendo ainda áreas revestidas em saia e camisa.



41



42



43



44

Na casa nova, assobradada, o fechamento das paredes é com tijolo maciço, assim como as outras construções da propriedade, sendo os tijolos personalizados com as iniciais da fazenda (f45). Todo o conjunto tem as paredes caiadas de branco, contrastando com as esquadrias de vergas retas azuis. As janelas têm duas folhas externas em venezianas de madeira, com as internas dobráveis, almofadadas e alternando-se na cor branca e envernizada (f46), dependendo do ambiente. Intermeando-as, duas folhas em caixilho de vidro, na cor branca, com bandeiras vidradas. Nas paredes do interior da casa, as cores fortes predominam nas salas e nos quartos (f47).

A portada central mantém as folhas em estilo de dobradura e as internas têm bandeira em vidro, com duas folhas de fechamento. O forro em saia e camisa predomina na casa e, na copa, há moldura em detalhe de flor recortada. Forros em cedrinho revestem o depósito, o espaço de transição e o corredor próximo, bem como a sala de banho, que, alteado em função da caixa d'água interna, recebeu forro de gamela (f48). Há telha vã nas cozinhas e varanda dos fundos. Quanto ao piso, percebe-se uma diversificação com o tabuado em madeira revestindo os quartos e a maioria das salas. Na sala de estar e circulação próxima, varandão, copa, cozinha, transição e sala de salgar carne, o piso é de ladrilho cerâmico. As belas padronagens de ladrilhos hidráulicos são distribuídas no banheiro, na sala de louça, na cozinha do forno e na sala de banho.

As coberturas da fazenda são de telha de cerâmica, capa e bica, destoando à varanda dos fundos com telhas francesas. O beiral simples é arrematado por tábuas estreitas, tipo guarda pó.

O moinho de café é uma sólida construção (ver f10) com cobertura de telhas francesas e vãos de esquadrias em verga reta. No térreo, os umbrais e vergas são em pedra lavrada com sobreverga em massa, sendo todas as esquadrias em madeira com folhas tipo camarão. Encimando-o, um frontão ornamentado com figuras geométricas, tendo ao centro um óculo decorativo em ferro (f49), datando de 1830. Os balcões em pedra são finamente protegidos por um rico gradil de ferro fundido (f50). A artística escada em curva, que leva ao primeiro piso (f51), é em madeira, com guarda-corpo torneado.

A torre sineira, em tijolo maciço, possui oito janelas e um sino, e sua agulha de cobertura é revestida em massa, com formato de tronco de pirâmide (f52).



45



46



47



48



49



50



51



52

Foi observado que o sobrado, de construção mais antiga, mantém o interior mais conservado que a casa-sede, ficando evidente a importância de proporcionar insolação e ventilação aos cômodos. O porão, servindo de depósito, requer uma reforma nas paredes, sendo que seus barrotes estão íntegros (f53). No forro do casarão, apenas uma área apresenta apodrecimento por infiltração descendente (f54), nos fundos, as paredes externas tem sujidade, perda de pintura e comprometimento por infiltração de águas pluviais, afetando também os cunhais de madeira, as esquadrias com descolamento e envelhecimento da pintura (ver f44).

No bloco intermediário – de serviços –, observa-se o desgaste do piso de tijoleira (f55), paredes com pulverulência do emboço e com a pintura desbotada (f56). Algumas esquadrias estão deterioradas, com ausência de folhas externas (f57). A existência de vegetação na cobertura da escada (ver f26) acentua a umidade.

Constatou-se que a parede junto ao antigo tanque foi reformada, porém a vegetação agregada ao emboço demonstra haver infiltração (ver f27).

Na casa-sede, o piso de ladrilho cerâmico da sala de estar sofreu desgaste (f58), e o forro, em alguns pontos, apresenta desgaste por infiltração descendente (f59), sendo, entretanto, uma constante o bolor acoplado à madeira (f60), devido à umidade causada pelo sombreamento do varandão e das árvores do jardim lateral, contribuindo para isso, ainda, o fato de o imóvel ficar fechado por longos períodos.

O revestimento das paredes de alguns quartos está totalmente comprometido (f61).



53



54



55



56



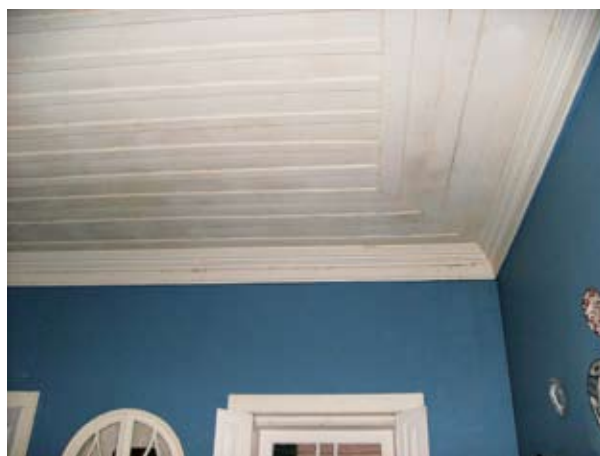
57



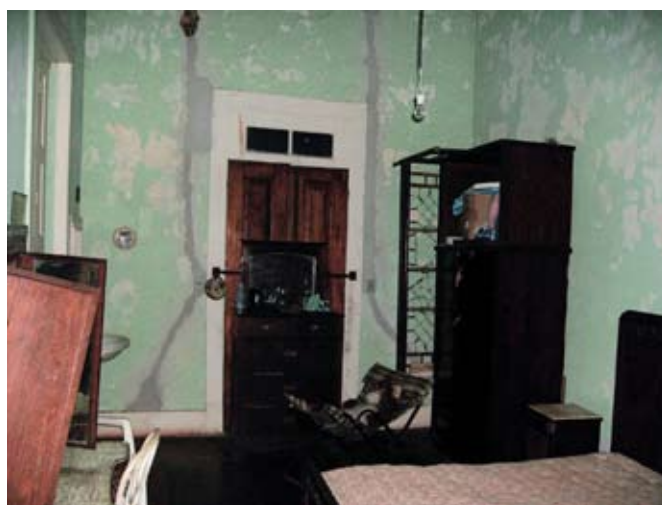
58



59



60



61

As paredes externas apresentam-se com sujidade, sendo que, na fachada frontal de acesso à varanda (f62), há extensa infiltração descendente, apresentando deterioração em todo o forro. As esquadrias da lateral direita sofrem ação das intempéries (f63) e o embasamento tem o revestimento coberto de limo, assim com as calhas em pedra junto às paredes (ver f25).

A edificação do moinho recebeu intervenções nas paredes estruturais, com a inserção de tijolos furados de cerâmica e de cimento (ver f13). Os vãos de janela foram criados aleatoriamente e a belíssima escada de madeira precisou ser escorada (f64), estando na iminência de cair. No piso superior, os barrotes e o assoalho estão em bom estado, havendo ausência de algumas portas nos balcões (f65), e as esquadrias ainda existentes iniciam processo de deterioração pelo abandono. As demais construções da propriedade estão em razoável estado de conservação.



62



63



64

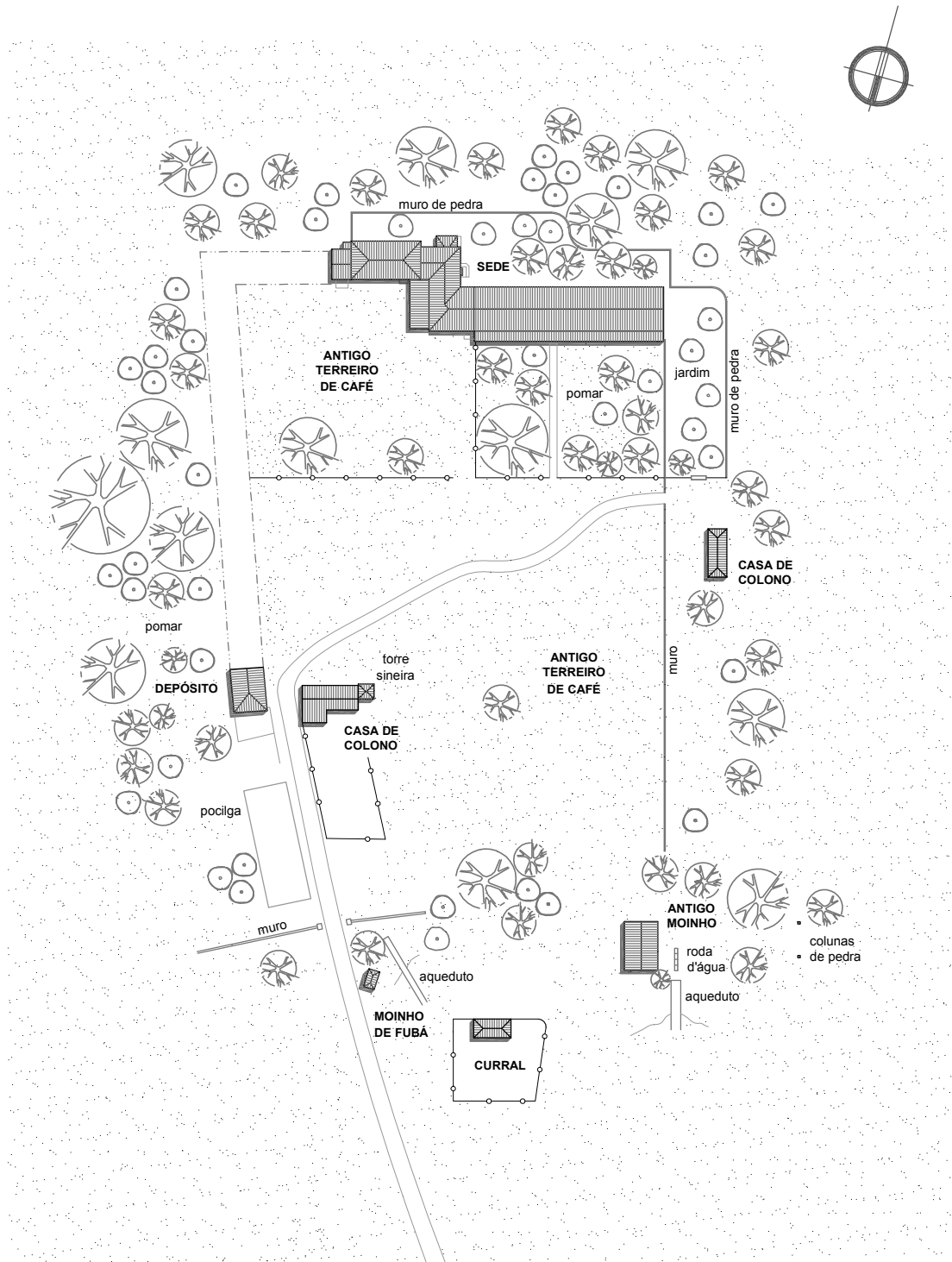


65

FAZENDA FELIZ REMANSO

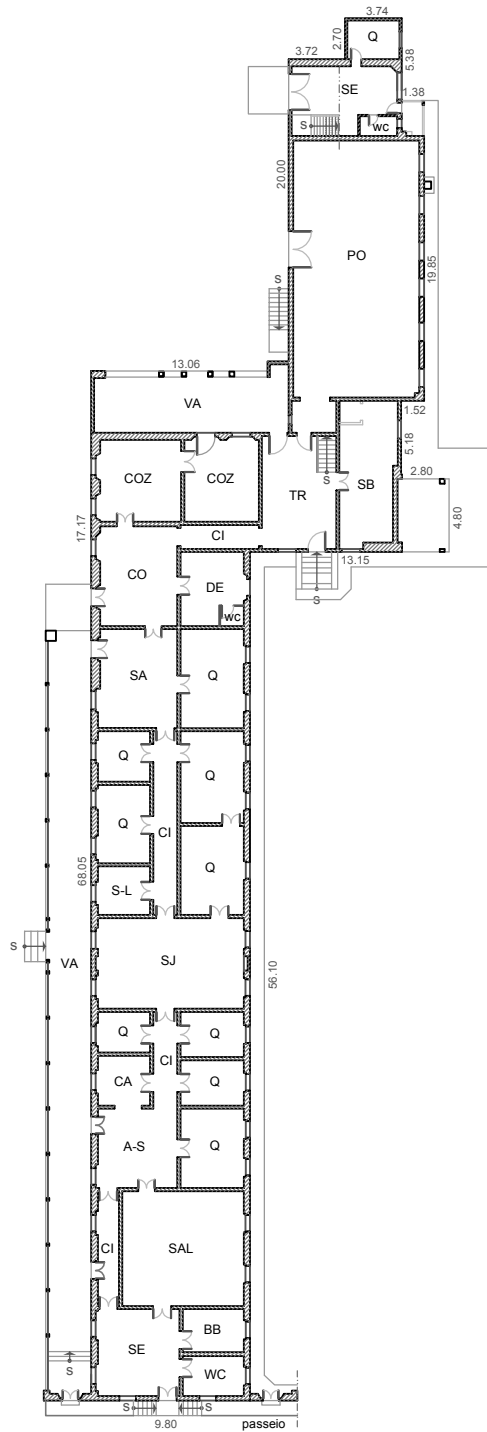
Observações:

1. As linhas em projeção referem-se à localização de antiga construção.

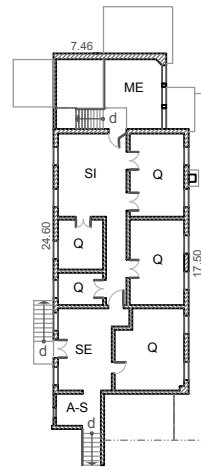


1 Implantação
 escala: 1/1750
 0 5 10 40

FAZENDA FELIZ REMANSO



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/500



2 Planta Baixa da Sede - 2º Pav.
escala: 1/500



A-S - ante-sala	CI - circulação	DE - despensa	Q - quarto	SB - sala de banho	SJ - sala de jantar	VA - varanda	alvenaria existente
BB - biblioteca	CO - copa	ME - mezanino	SA - sala de almoço	SE - sala de estar	S-L - sala de louças	WC - banheiro	alvenaria demolida
CA - capela	COZ - cozinha	PO - porão	SAL - salão	SI - sala íntima	TR - transição		

Lucas Antônio Monteiro de Barros e Cecília Gonçalves de Moraes casaram-se em 1834, ele, filho do visconde de Congonhas do Campo, ela, filha dos barões de Pirai. Através de dote de casamento, Lucas recebeu do sogro uma sesmaria de meia-léngua em quadra localizada às margens do Rio Paraíba do Sul, onde fundaram a importante Fazenda Três Poços¹. Com o tempo, devido ao grande desenvolvimento da lavoura cafeeira, Lucas criou em suas terras mais duas unidades de produção de café, as fazendas do Brandão e Volta Redonda (LIMA; ARAÚJO, 2007, p.64-72). Por volta de 1845, adquiriu, em leilão em praça pública, a Fazenda Feliz Remanso, do espólio do falecido José Tomás da Silva, conforme declarou em 1856, quando a registrou no censo de terras de 1850².

Através do levantamento arquitetônico da fazenda, elaborado pelos arquitetos Dora Monteiro e Silva Alcântara, Selso d'Al Belo, Roberto H. Queiroz, Isabel Cristina Castro da Rocha, em dezembro de 1976, constaram que a sede da fazenda teve diversas fases na sua construção:

“...a sede da fazenda é composta de 2 edifícios, interligados por um 3º corpo, com planta em ‘L’ e alpendre voltado para leste. O 1º é mais antigo, porão bastante elevado, acesso por escada externa. A fachada principal é dividida em 3 tramos por esteios de madeira, aparentes; 2 janelas em cada tramo e mais uma porta no 3º, protegida por pequeno alpendre de construção posterior. O edifício mais recente, com pavimento térreo menos elevado, volta a fachada principal, exígua, para o poente e extensa lateral com alpendre avarandado para o norte. Chama atenção um pequeno campanário junto à casa do capataz. É notável também a extensão dos aquedutos que servem respectivamente, ao engenho de açúcar e ao de fubá e tanque de lavagem de café. O 1º ainda abastece a roda d’água que continua em funcionamento; o 2º encontra-se bastante arruinado. No interior, interessante banheiro; o local para banho necessitando de escada de acesso tal a profundidade, bem como extensão do mesmo”.

Quanto à tipologia, a edificação é descrita como:

“...composta de 3 corpos distintos, não oferece esta sede um aspecto homogêneo. O 1º com madeiramento estrutural aparente, faz pensar na arquitetura que se desenvolvia em Minas Gerais, local de procedência dos primeiros proprietários das terras, que o fizeram construir em 1845”². O 2º, datando de 1878, reflete a influência que exercia a arquitetura urbana sobre a rural, nesta época: fachada principal exígua, de grande profundidade, corredor lateral servindo como elemento de circulação – partido típico das construções implantadas em lote urbano de grande profundidade e pouca testada. O tratamento da fachada principal, nesse, é mais uma prova desta influência, revelando gosto neoclássico na simetria de composição e num coroamento por frontão triangular, com ornamentos singelos. O 3º é um corpo intermediário, já citado. O mesmo pode ser observado na casa de engenho (1880) com aspecto de sobrado urbano. Características construtivas: sede inicial (1845): estrutura de madeira, paredes de taipa, sobre embasamento de alvenaria de pedra, telhado em 4 águas com telha canal. Datando, provavelmente de 1878, o tratamento externo do porão alto em massa simulando aparelho de cantaria e o pequeno alpendre que protege o patamar da escada. Sede posterior (1878): paredes perimetrais de alvenaria; divisórias internas de taipa e cobertura em 2 águas com telhas francesas (importadas de Marseille); embasamento de alvenaria (porão baixo) com revestimento em massa, simulando aparelho de cantaria”³.

Merece destacar que o atual e belo altar com suas alfaias, imagem de Nossa Senhora da Conceição e a porta da capela, com pinturas em suas almofadas, pertenciam originalmente à capela da pioneira Três Poços, trazidas no século XX para a Fazenda Feliz Remanso.

Como podemos perceber inicialmente, Feliz Remanso, funcionava como fazenda “satélite” ou “de trabalho”, como alguns especialistas preferem denominar, ligada à fazenda principal, Três Poços.

Por ocasião da morte do comendador Lucas Antônio Monteiro de Barros, ocorrida em 10 de março de 1862, a Fazenda Feliz Remanso foi herdada pelos dois filhos do casal, Maria Rita e Lucas Antônio. Este adquiriu a parte da irmã e tornou-se o único proprietário.

No inventário dos bens do casal, Lucas Antônio e Cecília, a Fazenda Feliz Remanso foi assim avaliada: 144 escravos, avaliados em 174:200#000; 44 alqueires geométricos de terras em matas virgens, avaliados em 17:600#000 e 116 alqueires geométricos em cafezais e capoeiras, avaliados em 23:350#000; 276.000 pés de café, avaliados em 51:240#000.

Os valores totais – somado ao das outras propriedades – totalizavam 1.164.000 pés de café e 627 escravos, sendo estes últimos correspondentes a 735:400#000. Em relação ao valor total do monte-mor de 1.784:103#222, a escravaria representava 41% dessa fortuna.

Lucas Antônio Monteiro de Barros (filho) nasceu em 23 de setembro de 1856 e faleceu em 3 de março de 1930. Era moço fidalgo com exercício na Casa Imperial, comendador da Imperial Ordem da Rosa e cavaleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Portugal. Casou-se com D. Carmem de Guimarães Coutinho. Recebeu de herança da mãe a Fazenda das Quinze Ilhas e o Sítio Retiro.

Feliz Remanso atravessou o século XX em poder dos Monteiro de Barros, sendo uma das poucas fazendas históricas existentes no Vale do Paraíba Fluminense que permaneceu nas mãos da mesma família desde a sua fundação, na primeira metade do século XIX.

¹Registro Paroquial de Terras. Propriedade do comendador Lucas Antônio Monteiro de Barros. Fazenda Três Poços. Registro feito em 23 de março de 1856, no Livro 10, Registro 38, p. 13. Freguesia de São Sebastião de Barra Mansa, município de Barra Mansa. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

²Registro Paroquial de Terras. Propriedade do comendador Lucas Antônio Monteiro de Barros. Fazenda Feliz Remanso. Registro feito em 28 de fevereiro de 1856, no Livro 63, Registro 64, p. 22v. Freguesia de Nossa Senhora das Dores de Pirai, município de Pirai. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

³Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – Inepac. Dora Monteiro e Silva Alcântara, Selso d'Al Belo, Roberto H. Queiroz, Isabel Cristina Castro da Rocha, dezembro de 1976.